

A dimensão afetiva dos movimentos “blacklivesmatter” e “#metoo”: eventos socialmente situados na constituição dos sujeitos

The affective dimension of the ‘blacklivesmatter’ and ‘#metoo’ movements: socially situated events in the constitution of subjects

Francisco Estefogo



estefogo@gmail.com

Universidade de Taubaté, Taubaté, SP, Brasil.

Resumo

Este artigo objetiva explorar a dimensão das emoções e dos afetos na constituição dos sujeitos e na comunicação linguística, com foco nas reviravoltas sociais contemporâneas. A centralidade das emoções é evidenciada em movimentos como o “#MeToo” e o “BlackLivesMatter” que, de algum modo, destacaram o impacto das emoções nas práticas comunicativas e nas formas de viver. Teoricamente, o estudo se fundamenta nas “viradas afetiva e pragmática” da Linguística Aplicada (Pennycook, 2001, 2006), bem como na envergadura das vivências subjetivas (Dilthey, 1978, 2002) e na filosofia dos afetos (Espinosa, 2009). Esta proposta analisa como essas abordagens teórico-filosóficas podem contribuir para a compreensão da potência das emoções em mobilizar grupos e forjar identidades coletivas, fenômeno social que salienta a complexidade da linguagem humana, concernente à comunicação emocional como um elemento imperativo para a transformação social.

Palavras-chave: Emoções; Afetos; Comunicação Linguística; Viradas Afetiva e Pragmática.

Abstract

This article aims to explore the dimension of emotions and affects in the constitution of subjects and in linguistic communication, focusing on contemporary social upheavals. The centrality of emotions is evidenced in movements such as “#MeToo” and “BlackLivesMatter”, which somehow highlighted the impact of emotions on communicative practices and way of living. Theoretically, this proposal is grounded in the “affective turn” and the “pragmatic turn” of Applied Linguistics (Pennycook, 2001, 2006), as well as the importance of subjective experiences (Dilthey, 1978, 2002) and the philosophy of affects (Espinosa, 2009). The study examines how these theoretical and philosophical approaches can contribute to understanding the power of emotions in mobilizing groups and shaping collective identities, emphasizing the complexity of human language with respect to emotional communication as a crucial element for social transformation.

Keywords: Affect; Spinozian studies of language; Perlocutionary speech act; Spinoza; Ethics.



10.23925/2318-7115.2025v46i1e72063



FLUXO DA SUBMISSÃO:

Submissão do trabalho: 16/11/2024

Aprovação do trabalho: 02/04/2025

Publicação do trabalho: 27/06/2025

AVALIADO POR:

Adolfo Tanzi Neto (UFRJ)

Ulysses Diegues (UFRJ)

EDITADO POR:

Luciana Kool Modesto-Sarra (PUC-SP)

COMO CITAR:

ESTEFOGO, F. A dimensão afetiva dos movimentos “blacklivesmatter” e “#metoo”: eventos socialmente situados na constituição dos sujeitos. *The Especialist*, [S. l.], v. 46, n. 1, p. 678–698, 2025. DOI: 10.23925/2318-7115.2025v46i1e72063. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/72063>.

Distribuído sob Licença Creative Commons



1. Introdução

No contexto contemporâneo, invariavelmente atravessado por lépidas e profundas transformações nas esferas social, política, cultural e tecnológica, a centralidade das emoções tornou-se evidente em diversas manifestações sociais. As redes sociais, por exemplo, transformaram-se em arenas onde as emoções são exibidas, compartilhadas e amplificadas. Mais particularmente, recentes movimentos como o “#MeToo” e o “BlackLivesMatter” exemplificam como a expressão coletiva das emoções pode catalisar mudanças sociais significativas que, em vista disso, configuram-se como episódios formativos na constituição dos sujeitos. Essas incidências revelam a potência das emoções na mobilização de grupos e na formação de identidades coletivas, fenômeno que evidencia a complexidade da linguagem humana no que se refere à comunicação emocional como elemento vital para a ação social.

Outro acontecimento recentemente ocorrido relacionado às variações sociais de grande magnitude na seara das emoções foi a pandemia da COVID-19. O isolamento social, o medo da doença, as perdas pessoais e econômicas desencadearam uma miríade de respostas emocionais que afetaram profundamente a saúde mental dos sujeitos, além de novos comportamentos e formas de viver. A maneira como as comunidades articularam seus sentimentos de ansiedade, tristeza e esperança por meio das mídias digitais, a título de ilustração, não apenas refletiu seus estados internos, mas também forjou suas práticas comunicativas e suas interações sociais.

Nesse campo, a complexidade da experiência humana tem sido objeto de investigação ao longo da história, com diferentes disciplinas que podem contribuir para o entendimento das múltiplas facetas constitutivas do ser humano. Entre esses aspectos, as emoções e os afetos têm se destacado como elementos decisivos na formação da identidade e na dinâmica das interações sociais. Este artigo se propõe a problematizar a importância das emoções e dos afetos na constituição dos sujeitos e na comunicação linguística, com foco nos acontecimentos sociais contemporâneos.

Em relação ao campo dos estudos da linguagem, a história das ciências humanas e da filosofia é marcada por diversas transformações paradigmáticas que desafiaram concepções estabelecidas e abriram novas fronteiras de conhecimento. Particularmente, em alusão às emoções humanas, essas mudanças são oriundas de diferentes contextos sócio-histórico-culturais e filosóficos, mas profundamente interligadas em suas implicações para a compreensão da

experiência humana. Dentre elas, este artigo enfatiza as abordagens da Linguística Aplicada (LA) contemporânea, pautadas nas “viradas afetiva e pragmática” (Pennycook, 2001, 2006), tal como as vivências subjetivas, propostas por Dilthey (1978, 2002), e a filosofia dos afetos de Espinosa (2009). Cada uma dessas trajetórias teórico-filosóficas e metodológicas oportuniza perspectivas fundantes sobre a influência das emoções e dos afetos na constituição dos sujeitos e na comunicação linguística.

Wilhelm Dilthey, por exemplo, um dos grandes filósofos do século XIX, dedicou-se a estabelecer uma clara distinção entre as ciências naturais (*naturwissenschaften*) e as ciências humanas (*geisteswissenschaften*). De modo amplo, segundo Dilthey (2002), a experiência humana é constituída não apenas por eventos observáveis e quantificáveis, mas também por emoções, intuições e vivências subjetivas que não podem ser plenamente capturadas pelos métodos das ciências naturais. Essa distinção foi fulcral para o desenvolvimento da psicologia que reconhecesse a eminência das emoções e dos estados afetivos na constituição do ser humano.

Concernente à LA, as “viradas pragmática e afetiva”, propostas por Pennycook (2001, 2006), inserem-se nesse contexto ao ressaltar a saliência das práticas linguísticas situadas e contextualmente determinadas. No que tange à esfera emocional, trata-se de um movimento significativo que enfatiza o papel das emoções e dos afetos na formação dos sujeitos e na interação linguística. Essa perspectiva desafia o vislumbre tradicional da linguagem como um sistema puramente racional e cognitivo, sugerindo, na contramão, que a comunicação é profundamente influenciada pelos estados emocionais dos interlocutores, da mesma forma que pelo contexto sócio-histórico-cultural.

Já Espinosa (2009), em sua filosofia dos afetos, propõe um arcabouço teórico-filosófico robusto para compreender como as emoções e os afetos permeiam nossas vidas e conexões linguísticas. Em linhas gerais, de acordo com Espinosa (2009), os afetos são variações do nosso agir, contingência na qual a alegria potencializa essa ação e a tristeza a diminui. Essa visão oportuniza reflexões sobre como as emoções influenciam as práticas linguísticas e a estruturação dos sujeitos.

A partir da integração das perspectivas das “viradas pragmática e afetiva” da LA (Pennycook, 2001, 2006), bem como das ponderações de Dilthey (1978, 2002) relacionadas ao empirismo das vivências, e da filosofia dos afetos de Espinosa (2009), para além da constituição dos sujeitos, este artigo objetiva discutir e refletir sobre a primazia das emoções e dos afetos nas

interações linguísticas, de modo a suscitar novas formas de compreender e investigar a natureza humana. A considerar a compreensão mais abrangente e inclusiva da linguagem alusiva à complexidade e à profundidade da experiência humana, o foco é expandir construções epistêmicas no campo dos estudos da linguagem, ao pesar as emoções e os afetos como aspectos estruturantes da comunicação e da constituição dos sujeitos, tendo como cenário alguns recentes desfechos sociais, singularmente, o “#MeToo” e o “BlackLivesMatter”.

Para tanto, primeiro as “viradas pragmática e afetiva” (Pennycook, 2001, 2006) serão explanadas, seguidas de uma análise detalhada de suas implicações teóricas e práticas no campo da LA. Depois, a fundamentalidade das vivências, da compreensão empática, do contexto cultural e histórico, tal e qual das experiências emocionais (Dilthey, 1978, 2002) serão pormenorizadas, ao sublinhar a sua relevância para a interpretação e a construção do conhecimento humano. Posteriormente, a visão racional e naturalista das emoções, a explanação dos afetos, afora a liberdade e o bem-estar, serão detalhadas, conforme referidas por Espinosa (2009). Por final, reflexões serão tecidas com base nas perspectivas epistêmicas referentes à ressignificação da mente, da racionalidade, do corpo e dos afetos. Excertos dos movimentos “#MeToo” e “BlackLivesMatter” são os recortes episódicos apresentados neste artigo que, em algum sentido, evidenciam os percursos e os entrelaçamentos da potencialidade das emoções na seara dos estudos da linguagem e da constituição dos sujeitos.

2. A virada pragmática na LA: as emoções na constituição dos sujeitos

As “viradas pragmática e afetiva”, formuladas por Pennycook (2001, 2006), representam um marco significativo na LA, uma vez que a necessidade de compreender as práticas linguísticas ganha ênfase não apenas como sistemas abstratos, mas como atividades situadas e contextualmente determinadas. Esse paradigma teórico-filosófico enfatiza a proeminência de se considerar as emoções e os afetos na constituição dos sujeitos, e na dinâmica da comunicação linguística. Segundo Pennycook (2001, 2006), as práticas linguísticas são fortalecidas quando vistas como eventos socialmente situados, permeados por emoções que, além de influenciar, muitas vezes, guiam semelhantemente as interações comunicativas.

A abordagem pragmática de Pennycook (2001, 2006) se alinha com as perspectivas teóricas que reconhecem a predominância das emoções na interação humana. De acordo com Vygotsky

(2001), a dimensão emocional desempenha papéis cruciais no desenvolvimento humano, posto que medeia tanto o aprendizado quanto a construção de significados na interação social. Vygotsky (2001) assevera que as emoções não são meramente reações subjetivas, mas elementos fulcrais na formação de conceitos e na mediação entre os sujeitos e o mundo social.

Essa visão é complementada pela filosofia dos afetos de Espinosa (2009), ao apontar que as emoções são modificações do corpo e da mente, impactando diretamente a nossa forma de agir e de perceber o mundo ao nosso redor. Espinosa (2009) concebe as emoções não como fenômenos irracionais, mas como expressões naturais da nossa interação com o ambiente, ou seja, situações que influenciam nossas decisões e nossas relações com os outros. Ao integrar essas perspectivas, a LA, além de ampliar seu escopo de investigação, também expande sua compreensão das complexidades da comunicação e da constituição humana na raia das emoções.

Em vista do exposto, a “virada pragmática”, afora a expansão teórico-metodológica na LA, em igual medida, representa uma transformação ontológica na maneira como as linguagens e suas conexões com as emoções humanas são compreendidas. Ao desafiar a visão tradicional da linguagem como um sistema puramente racional e cognitivo, essa reversão da LA sugere que os aspectos comunicativos estejam intrinsecamente ligados ao reconhecimento e às respostas dos estados emocionais dos interlocutores, bem como aos contextos sócio-histórico-culturais que forjam tais interações.

Além disso, a dimensão ética das emoções na comunicação tem sido cada vez mais reconhecida, especialmente, nas ambiências educacionais e terapêuticas. Autores como Sawaia (1998) assinalam a relevância essencial de abordagens ético-políticas das emoções, ao argumentar que a interpretação do universo emocional não deve se limitar ao âmbito individual, mas deve considerar suas implicações sociais e morais mais amplas. Essa perspectiva ressoa com a proposta de Pennycook (2001, 2006) alusiva à LA que não apenas descreve, mas também intervém nos contextos nos quais as práticas linguísticas e emocionais se entrelaçam.

Em suma, a incorporação das emoções nas pesquisas da LA aprofunda as possibilidades de se compreender as correntes teórico-filosóficas da linguagem e da comunicação e, de modo igualitário, oportuniza novas possibilidades práticas para, por exemplo, o ensino de línguas, a mediação intercultural, a análise crítica de discursos na constituição dos sujeitos, dentre outros terrenos. Essa abordagem integrada pode promover uma visão mais holística e sensível das

práticas comunicativas, uma vez que reconhece as emoções como componentes essenciais da experiência humana e da interação social.

Do ponto de vista empírico, uma vertente central para se entender as emoções na LA é a investigação das práticas discursivas em contextos específicos. Pesquisas recentes têm explorado como as emoções influenciam a forma como os sujeitos interpretam e respondem a diferentes tipos de discurso, desde conversas cotidianas até discursos políticos e acadêmicos. Por instância, estudos têm mostrado que as emoções podem desempenhar elementos determinantes na persuasão e na construção de identidades discursivas (Smith, 2018). No caso do presente artigo, excertos dos movimentos “*#Metoo*” e “*BlackLivesMatter*” serão demonstrados mais adiante com vistas a exemplificar como os envolvidos se engajaram emocionalmente nessas mobilizações sociais, além de terem alavancado a opinião pública e promovido posteriormente mudanças sociais significativas.

3. As vivências e as experiências emocionais

Ao longo dos séculos, a filosofia ocidental tem explorado a natureza do eu e da existência da totalidade humana por meio de diversas concepções. Dilthey (1978, 2002) contribuiu significativamente para esse debate na tentativa de compreender o ser humano em sua plenitude, ao notabilizar a implicância das experiências emocionais na constituição da experiência humana. Esse paradigma oportunizou o questionamento da psicologia naturalista, uma vez que as ciências humanas (*geisteswissenschaften*) se diferenciam fundamentalmente das ciências naturais (*naturwissenschaften*). No que toca à função das linguagens, tanto verbais como não-verbais, as ponderações de Dilthey (1978, 2002) acerca da completude do ser humano se centralizam no campo emotivo, ao longo do percurso existencial.

Nesse esteio, Dilthey (1978, 2002) alvitrou uma perspectiva distinta da cartesiana ao explorar a vida humana. Pela sua ótica, a vida não poderia ser compreendida apenas por meio da razão, mas também pelas emoções das experiências vividas. Seu argumento se pautava na compreensão (*verstehen*) da existência humana como um processo essencialmente empático, no qual o intérprete tenta vivenciar o mundo interno do outro. Dessa feita, as proposições diltheyianas entendiam as emoções como insumos fundamentais para a constituição da experiência humana, ao influenciar a forma como percebemos e interpretamos o mundo. Ao

contrário de Descartes (1998), que concebia a mente racional como separada do corpo, Dilthey (1978, 2002) considerava o corpo e a mente como uma unidade entrelaçada, onde as emoções desempenham funções primordiais.

Apreende-se, à vista disso, que as linguagens são os meios pelos quais expressamos e compartilhamos nossas experiências emocionais, ao permitir a construção da compreensão intersubjetiva do mundo, pois o pensamento elaborado visual e abstratamente oportuniza a conexão com o nosso entorno. De forma análoga, as linguagens das artes, por exemplo, são artefatos de comunicação tão essenciais como as linguagens oriundas da produção oral e escrita, em razão de ser uma das formas de expressar emoções e sentimentos que não estão encarcerados a normativas, como acontece com o sistema linguístico de qualquer língua. Como ratifica Georgia O'Keeffe (1887-1986), pintora estadunidense, acerca do vigor das cores e das formas em sua arte como um meio de expressão potencializador, hábil em comunicar emoções e significados profundos que vão além das palavras: *"Eu encontrei que eu poderia dizer coisas com cores e formas que eu não podia dizer de nenhuma outra maneira — coisas para as quais eu não tinha palavras¹."*

Nessa linha, Dilthey (1978, 2002) visionou abordagens diferenciadas para as ciências humanas (*geisteswissenschaften*) que se distinguem maiormente das ciências naturais (*naturwissenschaften*). Sua crítica à ciência natural e à psicologia naturalista reflete uma tentativa de capturar a complexidade da experiência humana, algo que, segundo ele, essas disciplinas não conseguiam fazer adequadamente. No mais, Dilthey (1978, 2002) acreditava que a apuração da vida humana requer um método transcendental que considere as experiências como circunstâncias percebidas na totalidade de sua vivência. Ademais, Dilthey (1978, 2002) argumentava que a ciência natural, com sua ênfase na quantificação, experimentação e objetividade, não podia capturar a complexidade e a profundidade da vida humana. As ciências naturais se baseiam na observação e na experimentação de fenômenos que podem ser medidos e replicados. No entanto, esse transcurso, de alguma forma, ignora o aspecto qualitativo da experiência humana, já que as ciências naturais eram redutoras, pois aplicavam métodos propícios ao estudo da natureza inanimada à compreensão de seres vivos e, mais ainda, à vida humana (Dilthey, 1978, 2002). Segundo o filósofo alemão, a vida humana não poderia ser reduzida a meros

¹ Disponível em: <https://www.hojemais.com.br/aracatuba/noticia/opinioao/para-aonde-as-artes-podem-nos-levar-google_vignette>. Acesso em 2 mai.2025.

processos físicos ou biológicos. A essência da experiência humana reside na consciência e na autorreflexão, aspectos que as ciências naturais não estão, a rigor, equipadas para explorar. A leitura das ações humanas requer abordagens que considerem as intenções, os significados e os contextos sócio-histórico-culturais forjadores do comportamento, algo que as ciências naturais, com sua abordagem positivista, são, em tese, desqualificadas para fazer (Dilthey, 1978, 2002). Nessa toada, a psicologia naturalista, de alguma forma, titubeia ao tentar explicar a mente humana ao se valer dos mesmos meios metodológicos das ciências naturais. Essa interpelação tenta reduzir a consciência a processos fisiológicos ou a fenômenos observáveis e quantificáveis, ignorando a complexidade da experiência subjetiva. Dilthey (1978, 2002) criticou essa visão por ser mecanicista e racional, além de não reconhecer a dimensão vivida da experiência humana emocional. Na contramão dessa seara mecânica, a psicologia deve ser entendida como uma ciência interpretativa, que busca compreender a vida psíquica a partir da perspectiva do próprio sujeito, ao considerar os sentimentos, os pensamentos e as intenções como fenômenos significativos que não podem ser completamente explicados pelos meros processos físicos ou biológicos. A psicologia, então, deveria focar-se na descrição e interpretação das experiências conscientes, valorizando o entendimento empático e a hermenêutica como métodos capitais (Dilthey, 2002).

No avesso da proposta da psicologia descritiva, Dilthey (1978, 2002) apontou o método transcendental para abordar a experiência humana, inspirado parcialmente na fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938), filósofo e matemático alemão, fundador da escola da fenomenologia. Esse expediente envolve a suspensão do julgamento sobre a realidade objetiva dos fenômenos (*epoché*) e a concentração na maneira como as ocorrências são percebidas e experienciadas pelo sujeito. Dilthey (1978, 2002) acreditava que essa abordagem poderia revelar a estrutura essencial da experiência humana, em razão de poder capturar tanto a subjetividade quanto a intersubjetividade das vivências empíricas. Mediante esse parâmetro, Dilthey (1978, 2002) buscava compreender como os sujeitos constroem significados calcados em suas experiências, visto que a vida humana deveria ser elucidada na sua totalidade, contingência na qual cada experiência individual está interligada a um contexto mais amplo de significados sócio-histórico-culturais. Por esse ângulo, a totalidade da vida humana pode ser discernida, *a priori*, por intervenção de abordagens que contemplem o fluxo contínuo das experiências empíricas e a maneira como elas se inter-relacionam. Mais particularmente, para Dilthey (1978, 2002), a soma

completa das vivências, emoções, relações e eventos que compõem a existência humana é engendrada por uma rede complexa de experiências que são simultaneamente individuais e coletivas, sempre mediadas por contextos sócio-históricos-culturais. Nas palavras de Dilthey,

(...) vida é a plenitude, a diversidade, a interação em todo o uniforme que os sujeitos vivem. Por sua matéria é uma mesma coisa com a história. Em todo ponto da história há vida. E na história se compõe de vida de todas as classes com as relações mais variadas. A história não é mais do que a vida captada do ponto de vista do todo da humanidade, que constitui uma conexão (Dilthey, 1978, p. 281).

A compreensão da vida, portanto, requer uma abordagem que seja sensível à temporalidade e à contextualidade das vivências humanas. Em conformidade, Dilthey (1978, 2002) recorre à hermenêutica como a ferramenta indispensável para, de algum modo, desvendar a totalidade humana. A interpretação de textos, ações e eventos, irremediavelmente permeados pelas linguagens, permite acessar os significados subjacentes que constituem a vida humana. Isso posto, o ser humano é sempre percebido como estando essencialmente articulado a uma interpretação contínua do passado, quase podendo ser rotulado, por conseguinte, como o “animal hermenêutico”. O sujeito se entende a si mesmo por meio da interpretação de um legado e de universos compartilhados que são transmitidos pelo passado, ou seja, uma herança que está sempre presente e influente em todas as suas ações e escolhas. Nesse esteio, as linguagens são decisivas, pois é por meio delas que os significados podem ser expressos e compartilhados. A hermenêutica de Dilthey (1978, 2002) não se reduz à apreensão de textos escritos, mas se estende à interpretação de todas as formas de expressão humana, incluindo os diversos tipos de manifestações artísticas, as práticas culturais e históricas. Por isso, essas diferentes formas de linguagem, constituintes da existência, são medulares para que, de alguma maneira, a totalidade humana possa ser estudada e explanada.

Destarte, o encargo das linguagens, em todas essas filosofias, é absolutamente determinante. Para Dilthey (1978, 2002), as linguagens, a considerar suas inúmeras formas de manifestação, principalmente, na hodiernidade transpassada por multimídias e plurilinguagens, são os difusores por meio dos quais nos expressamos e compartilhamos nossas experiências, à semelhança de nossas vivências emocionais.

Em resumo, as linguagens da existência, materializadas por incontáveis maneiras, principalmente, com o advento das indefectíveis tecnologias de comunicação e informação na

contemporaneidade, não são apenas instrumentos para se comunicar. São também as estruturas por intermédio das quais nos constituímos como sujeitos. Por meio dessas molduras, que inexoravelmente permeiam o tecido social, podemos, teoricamente, compreender nossa realidade, pensamentos e emoções, tal e qual a nossa trajetória existencial, além, certamente, de prospectarmos conjunturas de mudanças e transformações.

Dessa forma, a integração das propostas da LA, em relação à virada pragmática (Pennycook, 2001, 2006), com as de Dilthey (1978, 2002), no tocante à centralidade das experiências emocionais na compreensão da vida humana, oportuniza uma visão holística, mais abrangente e profunda acerca da essencialidade das emoções na constituição dos sujeitos. Na LA, esse expediente implica o reconhecimento de que o ensino e as práticas da linguagem devem considerar o âmbito emocional dos sujeitos e de suas interações. Já na filosofia de Dilthey (1978, 2002), reconhecer que emoções são os elos conectivos entre os sujeitos e as suas experiências de maneira profunda e autêntica significa entender que a linguagem é uma expressão viva dos empirismos emocionais humanos. Dito de outro modo, as emoções são os entrelaces conjuntivos que dão sentidos às palavras e às interações linguísticas, ocorrências que caracterizam a linguagem como uma expressão autêntica da vida humana. Desse modo, as emoções são fundamentais para a vivência e interpretação do mundo, visto que conferem sentidos às nossas experiências. Em conjunto, essas abordagens possibilitam a apreensão mais informada e integrada das complexas interações entre a linguagem, as emoções e a experiência na vida humana.

4. As afecções e as emoções

A filosofia dos afetos, um dos pilares da ética espinosiana exposta na monumental obra "Ética" de Espinosa (2009), faculta um paradigma radical e profundamente transformador das emoções humanas. Para Espinosa (2009), as emoções não são meros estados mentais passageiros, mas manifestações complexas da própria dinâmica da vida e da essência dos seres humanos. Afora as reações involuntárias, o filósofo holandês propõe a compreensão das emoções como modos pelos quais os sujeitos se relacionam com o mundo ao seu entorno, horizonte pelo qual se envereda o alcance da existência autônoma e virtuosa.

Pivô da filosofia espinosiana é a concepção de que as emoções são expressões orgânicas entre o corpo, a mente e o mundo no que diz respeito à potência de existência dos sujeitos. Logo,

não são meros efeitos externos, mas consequências da maneira como percebemos e interagimos com o nosso redor. Espinosa (2009) concebe uma distinção entre os afetos passivos, que surgem quando somos afetados de fora para dentro pelo universo exterior, e os ativos, que emergem quando compreendemos e modificamos nossas respostas emocionais frente a compreensão mais substancial de nós mesmos e do mundo. Em face disso, a mente humana não poderia ser definida como uma reles entidade anímica independente, ou seja, uma alma meramente alojada no corpo para guiá-lo, orientá-lo e controlá-lo. Assentados na forma finita de pensamento, os movimentos mentais se referem a atividades reflexivas oriundas do entendimento de seu próprio corpo e dos corpos externos por intermédio de sua própria corporalidade e pelo fundamental autoconhecimento. Em outras palavras, a mente humana não está encarcerada num conjunto de substância física e inerte apenas. Em sentido adverso, está irremediavelmente articulada ao seu objeto e ao seu corpo vivo. Esse *status* da mente humana implica compreender o fato de que quanto mais ampla e complexa for a vivência corporal, isto é, o sistema de afecções e emoções corporais, tanto mais elaborada e expansiva será a experiência mental. De acordo com Espinosa (2009), a mente constrói uma representação ou uma ideia correspondente, mesmo que possa ser confusa, incompleta ou parcial, a partir absolutamente de tudo que acontece no corpo. Consequentemente, na medida em que a experiência mental se expande, similarmente a reflexão se amplia. Por tal motivo, o corpo não é a elementar consequência dos pensamentos na mente, tampouco a mente é a razão das ações corporais. Organicamente, ela percebe e interpreta o que se passa em seu corpo e em si mesma. Concebe-se, em tais circunstâncias, que as afecções corporais são os afetos da mente, suas sensações, seus desdobramentos e suas concepções. Noutras palavras, a intrínseca ligação entre o corpo e a mente é puramente emocional, e as noções mentais são expressões dos sentimentos. No terreno do monismo, juntos, o corpo e a mente constituem o sujeito como uma singularidade emotiva e uma complexidade pessoal, ininterruptamente em interação com mundo. Trata-se da perspectiva monista da vida humana, como ratifica Espinosa:

Tudo o que existe ou existe em si mesmo ou em outra coisa, isto é, não existe nada, fora do intelecto, além das substâncias e suas afecções. Não existe nada, pois, fora do intelecto, pelo qual se possam distinguir várias coisas entre si, a não ser as substâncias ou, o que é o mesmo, seus atributos e suas afecções (Espinosa, 2009, p. 8).

A partir dessa inexorável conexão com o meio social, segundo Espinosa (2009), os sujeitos são, na prática, expressões da potência da substância, ou seja, da materialidade. Desse modo, essa força interna, decorrente do exterior, que unifica todas as suas operações e ações para se manter na existência, não se restringe apenas a preservar seu estado atual, mas se regenera continuamente com os movimentos do mundo. Esse expediente espinosiano está atinente, na verdade, à potência de existência, isto é, o *conatus*. Em linhas gerais, refere-se à essência do corpo e da mente, a saber, o próprio desejo que potencializa o viver.

As interfaces entre a filosofia espinosiana dos afetos e as viradas pragmática e emocional na LA (Pennycook, 2001, 2006) revelam profundas conexões entre a visão filosófica das emoções e seus manifestos no cotidiano. Ambas as perspectivas desafiam a reconsiderar a ressonância das emoções em nossas vidas individuais, tal qual a sua função na estruturação de nossas interações sociais e na construção dos conhecimentos. As duas proposições suscitam reflexões mais intensas e consistentes sobre como as emoções, além de forjarem as nossas experiências pessoais, igualmente contribuem para a formação de nossa compreensão coletiva do mundo e das formas de comunicação, com serão evidenciadas nas seções abaixo, que sustentam nossa existência compartilhada.

5. “BlackLivesMatter” e “#MeToo”

Os movimentos “BlackLivesMatter” e “#MeToo” representam marcos significativos na sociedade contemporânea, não apenas por suas recentes manifestações sociais, mas também por suas expressões linguísticas que redefiniram o discurso público e influenciaram mudanças culturais profundas. Essas mobilizações estão, de alguma forma, intrinsecamente ligadas à virada pragmática da LA, conforme elaborada por Pennycook (2001, 2006), que enfatiza a dimensão das práticas linguísticas situadas em contextos sociais e políticos. Nessa vertente, a LA reconhece que a linguagem não é apenas um meio de comunicação neutro, mas uma arena onde poder, sentidos, identidade e resistência podem ser negociados.

Como já discutido, a filosofia de Dilthey (1978, 2002), por sua vez, contribui para essa discussão ao focalizar a pertinência das experiências emocionais na constituição dos sujeitos. O filósofo aponta que compreender as experiências vividas e suas expressões emocionais é imperativo para entender não apenas as ações individuais, mas, semelhantemente, os movimentos sociais que emergem como respostas a injustiças percebidas.

Já Espinosa (2009), como igualmente já apresentado, concebe uma estrutura conceitual filosófica para entender como as emoções não são meros epifenômenos, mas forças que moldam a ação humana e a formação da identidade. O pensador, filho de pais portugueses, sustenta que as emoções são expressões do poder de agir dos sujeitos, a saber, o *conatus*, e, devido a isso, são essenciais para a compreensão da liberdade e da autenticidade na vida humana.

Nesse sentido, os movimentos “BlackLivesMatter” e “#MeToo” foram destaques mundiais e influenciaram profundamente a sociedade contemporânea mediante suas expressões e manifestações linguísticas. A seguir são apresentados alguns recortes de como esses movimentos se manifestaram no terreno da linguística, da política e do meio social e cultural.

5.1 Black Lives Matter

5.1.1 Slogans e frases de protesto

O slogan “I can't breathe”² se tornou um grito de guerra global após a morte de George Floyd, um homem negro que foi assassinado por um policial em Minneapolis, EUA, em maio de 2020. As últimas palavras de Floyd, repetidas várias vezes enquanto era sufocado pelo policial, foram amplamente usadas em mobilizações ao redor do mundo.

5.1.2 Postagens em redes sociais

A hashtag #BlackLivesMatter³ tornou-se viral em várias plataformas de mídia social mundo afora, incluindo o “X”, Instagram e Facebook. A emblemática postagem foi utilizada para compartilhar informações, organizar protestos e mostrar solidariedade ao movimento.

5.1.3 Discursos públicos

Apresentações de líderes comunitários e ativistas durante manifestações também foram fundamentais para o movimento. Por exemplo, o discurso de Tamika Mallory⁴ em Minneapolis, principalmente a partir da icônica sentença “Nós aprendemos a violência com você” viralizou nas redes sociais e foi amplamente citado nas mídias.

² Disponível em: <<https://amnestyusa.medium.com/i-cant-breathe-the-refrain-that-reignited-a-movement-cc34fea0ffcf>>. Acesso em: 12 abr.2025.

³ Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2020/07/26/us/black-lives-matter-explainer-trnd/index.html>>. Acesso em: 12 abr.2025.

⁴ Disponível em: <<https://www.brasil247.com/mundo/nos-aprendemos-a-violencia-com-voce-discurso-da-ativista-negra-tamika-mallory-simboliza-protestos-nos-eua>>. Acesso em: 12 abr.2025.

Dentre outras mudanças significativas, o visceral “BlackLivesMatter” desencadeou inúmeras ações. A saber: a acusação dos policiais envolvidos na morte de George Floyd, tratativas sobre o desmantelamento do financiamento da polícia em Minneapolis e outras cidades americanas, a remoção de monumentos que celebravam figuras com histórico racista em várias cidades dos EUA, bem como a aprovação de novas leis estaduais e locais para reforma policial. Paritariamente, foi possível a reavaliação dos padrões de uso da força policial em diversos departamentos, o reconhecimento do impacto do racismo por ligas esportivas, além de ações corporativas contra o racismo, como moratórias no uso de reconhecimento facial. A retirada de produtos com estereótipos raciais e a elaboração de novas leis federais para reforma policial e combate ao racismo completa a lista de transformações sociais decorrentes do “BlackLivesMatter”.

5.2 #MeToo

5.2.1 Hashtag e testemunhos online

A hashtag “#MeToo” foi amplamente utilizada nas redes sociais para que mulheres compartilhassem suas experiências pessoais de assédio e abuso sexual. Esse movimento ganhou força após as alegações contra Harvey Weinstein, ex-produtor de filmes norte-americano, em 2017. O artigo “#MeToo inunda as redes sociais com histórias de assédio e agressão”⁵ repercutiu amplamente, posto que destacou a magnitude do problema e proporcionou espaços para as vítimas compartilharem suas experiências, feito que gerou uma onda de solidariedade e empatia. Afora esse resultado, impulsionou mudanças significativas na percepção pública sobre o assédio sexual e promoveu debates sobre políticas mais rigorosas de proteção e igualdade de gênero. Em consequência, manifestações de relatos parecidos começaram a se tornar frequentes no “X”, Facebook e Instagram, quando a atriz Alyssa Milano compartilhou uma captura de tela explicando a ideia e incentivando: “Se você foi vítima de assédio ou agressão sexual, escreva 'eu também' (“metoo”) como resposta a este tweet”⁶. Milhares de pessoas responderam à mensagem. Algumas simplesmente escreveram “eu também”, enquanto muitas outras detalharam suas próprias

⁵ Disponível em: < <https://www.nytimes.com/2017/10/16/technology/metoo-twitter-facebook.html>>. Acesso em: 12 dev.2024.

⁶ Disponível em: <<https://ogletree.com/insights-resources/blog-posts/metoo-the-tweet-heard-round-the-world-one-year-later/>>. Acesso em: 12 dez.2024.

experiências pessoais de assédio ou agressão. A escritora e poetisa Najwa Zebian, por exemplo, relatou: “Fui culpabilizada por isso. Me disseram para não falar sobre o assunto. Disseram que não era tão grave assim. Disseram para seguir em frente”⁷. Outras personalidades que participaram incluem Anna Paquin, Debra Messing, Laura Dreyfuss, Lady Gaga e Evan Rachel Wood.

5.2.2 Reportagens investigativas

Jornalistas investigativos como Ronan Farrow e Jodi Kantor desempenharam atuações cruciais ao publicar relatos detalhados de sobreviventes de abuso e assédio sexual, o que incitou ainda mais o movimento. O artigo “De Insinuações Agressivas a Agressão Sexual: As Acusadoras de Harvey Weinstein Contam Suas Histórias”⁸ trouxe à baila as experiências pessoais das vítimas, revelando a extensão do comportamento predatório de Weinstein. Essa publicação de grande impacto, junto com outros trabalhos investigativos, deu visibilidade à gravidade do problema, ao criar uma onda de solidariedade e apoio às vítimas, além de pressionar as autoridades, os diretores e produtores, dentre outros envolvidos, por mudanças significativas nas indústrias de cinema e mídia.

5.2.3 Discursos e entrevistas

Pronunciamentos públicos de figuras proeminentes, como o discurso⁹ de Oprah Winfrey no Globo de Ouro em 2018, foram influentes na disseminação e fortalecimento do movimento “#MeToo”. Como se tratava de um evento de grande visibilidade e de uma plataforma tão prestigiosa, assistido por milhões de pessoas ao redor do mundo, a apresentação de Oprah alcançou uma audiência vasta e diversificada. Somado a isso, como a apresentadora é uma figura altamente respeitada e influente na mídia e na sociedade, sua reputação de integridade e seu histórico para advogar por justiça social legitimaram o seu discurso como uma autoridade moral e significativa. Oprah entregou uma mensagem poderosa, emocional e eloquente que ressoou mundo afora. Dentre outros episódios, compartilhou histórias de injustiças e abuso, destacando

⁷ Disponível em: <<https://www.glamour.com/story/metoo-women-share-stories-of-sexual-harassment-and-assault-on-twitter>>. Acesso em: 12 fev.2025.

⁸ Disponível em: <<https://www.newyorker.com/news/news-desk/from-aggressive-overtures-to-sexual-assault-harvey-weinsteins-accusers-tell-their-stories>>. Acesso em: 12 fev.2025.

⁹ Disponível em: <<https://variety.com/2018/film/news/oprahs-entire-golden-globes-speech-1202656450/>>. Acesso em: 12 abr.2025.

não apenas os casos. Sua fala foi um chamado à ação, pois Oprah incentivou a audiência a continuar a luta pela justiça e a manter o ímpeto do “#MeToo”, já que o movimento estava ganhando força e as discussões sobre abuso e assédio sexual estavam na berlinda. Sua mensagem amplificou essas conversas e reforçou a urgência da mudança a partir do sentimento de solidariedade e apoio entre as vítimas e seus aliados. Ao exaltar a conta da verdade e da justiça, Oprah reforçou as narrativas potencializadoras de transformação social que são centrais ao “#MeToo”. No mais, também levou a mensagem do “#MeToo” a audiências internacionais, ampliando, de maneira idêntica, o alcance e o impacto do ativismo. Seu discurso transcendeu fronteiras culturais e geográficas, uma vez que uniu pessoas ao redor do mundo na luta contra o abuso e a discriminação.

No que concerne aos impactos do “MeToo”, de forma geral, o diálogo público e as políticas em torno das questões de gênero e violência sexual tiveram grandes ramificações. Dentre outras ações, é possível elencar os seguintes desdobramentos: aumentou significativamente a visibilidade e conscientização sobre o assédio sexual e a violência de gênero. Ao encorajar as pessoas a compartilharem suas experiências, o movimento destacou a extensão do problema e confrontou a cultura de silêncio que, muitas vezes, cercava essas questões. Em adição, a manifestação ativista desafiou e mudou normas sociais e culturais profundamente enraizadas, já que questionou a aceitação tácita do assédio sexual e promoveu um diálogo mais amplo sobre o consentimento, o poder nas relações e a igualdade de gênero. Também possibilitou que as revelações e as denúncias resultantes do “#MeToo” fossem levadas a mudanças legislativas e políticas em várias jurisdições. Esse mecanismo incluiu a revisão de leis de assédio sexual, o aumento de recursos para vítimas e o fortalecimento das políticas de proteção no local de trabalho. O “#MeToo” não se limitou aos Estados Unidos. Em razão de ter se capilarizado globalmente, ramificou-se em diferentes contextos culturais e políticos. Esse fenômeno demonstrou a universalidade das questões de assédio e violência de gênero, além de ampliar a solidariedade entre as vítimas em todo o mundo. O movimento, de forma simétrica, enfrentou críticas e desafios, incluindo preocupações com a justiça por conta das acusações não verificadas e o impacto nas carreiras dos acusados. No mais, houve debates sobre o equilíbrio entre justiça para as vítimas e por causa do processo legal para os acusados. Na seara linguística, o “#MeToo” influenciou a forma como discutimos e entendemos o assédio sexual e o consentimento. Novos termos e conceitos surgiram, refletindo uma evolução no discurso público e acadêmico sobre

violência de gênero. Adicionalmente, o “#MeToo” provocou mudanças significativas em diversas indústrias, levando à adoção de políticas mais rigorosas contra o assédio sexual e à implementação de treinamentos obrigatórios sobre diversidade e inclusão. Mais ainda, influenciou a introdução de legislações mais estritas em alguns países para proteger os direitos das vítimas. O movimento teve uma presença marcante na cultura *pop* e na mídia, o que influenciou narrativas em filmes (e.g.: *Barbie*), programas de televisão, literatura e música. Essa iniciativa ajudou a normalizar discussões sobre consentimento, respeito e igualdade de gênero em espaços públicos. O “#MeToo” também levantou questões importantes sobre masculinidade tóxica e o abuso de poder, visto que viabilizou debates sobre como as normas culturais e sociais perpetuam comportamentos prejudiciais e desigualdades estruturais.

Os exemplos acima apresentados demonstram como a linguagem, por meio de *slogans*, *hashtags*, discursos e reportagens, foi basilar para moldar e impulsionar os movimentos “BlackLivesMatter” e “#MeToo”. As emoções e os afetos que atravessam esses excertos de linguagens não só ajudaram a constituir os partícipes engajados nos movimentos, mas, a rigor, também mobilizaram a opinião pública e promoveram mudanças sociais significativas.

À luz disso, os movimentos como “BlackLivesMatter” e “#MeToo”, ao colocarem em destaque questões de justiça social e igualdade por intermédio de linguagens emocionalmente carregadas e discursos de resistência, refletem as interseções entre a Linguística Aplicada pragmática (Pennycook, 2001, 2006), que estuda como a linguagem é usada para negociar poder e identidade, e as filosofias de Dilthey (1978, 2002) e Espinosa (2009), que enfatizam a monta das emoções na constituição dos sujeitos e na formação de movimentos sociais significativos. Essas abordagens teórico-filosóficas e linguísticas possibilitam bases consistentes para compreender como esses movimentos influenciam a sociedade contemporânea, bem como transformam nossas concepções de justiça, igualdade e identidade.

Considerações finais

Os holofotes deste estudo recaem na exploração e na análise do relevo das emoções e dos afetos, tanto na constituição dos sujeitos quanto nas práticas linguísticas, com a finalidade de iluminar novas perspectivas para compreender e investigar a essência da natureza humana. Ao ponderar uma visão mais ampla e inclusiva da linguagem, que reflete a complexidade e

profundidade da experiência humana, o objetivo principal é ampliar as construções epistemológicas no campo dos estudos da linguagem, ao legitimar as emoções e os afetos como elementos fundamentais da comunicação e da constituição dos sujeitos.

De mais a mais, o percurso deste artigo possibilitou, de alguma maneira, expandir a compreensão da dimensão afetiva dos movimentos sociais contemporâneos, especificamente, o "*BlackLivesMatter*" e o "*#MeToo*", enfatizando seu papel nevrálgico na constituição dos sujeitos envolvidos e nas suas práticas linguísticas. Ao longo deste estudo, argumentou-se que as emoções e os afetos não são meros componentes acessórios, mas sim aspectos estruturantes que moldam e impulsionam tanto as ações coletivas quanto individuais.

Primeiro, foi discutida a virada pragmática da Linguística Aplicada, conforme proposta por Pennycook (2001, 2006). Esse enfoque permitiu uma análise das práticas linguísticas situadas em contextos sociais e políticos, como os movimentos aqui retratados, ressaltando que a linguagem não é apenas um meio de comunicação neutro, mas uma arena de negociação de poder, significados, ideologias, identidade e resistência. Exemplos concretos dessas circunstâncias são os slogans "*I can't breathe*" do movimento "*BlackLivesMatter*" e a hashtag "*#MeToo*". Esses enunciados, em certa medida, serviram como catalisadores para mobilizações globais. Tais ações coletivas acentuam como a linguagem pode ser utilizada estrategicamente para promover solidariedade e ação coletiva.

Outrossim, a filosofia de Dilthey (1978, 2002) foi essencial para aprofundar a clarificação do escopo das experiências emocionais na constituição dos sujeitos. Dilthey (1978, 2002) assevera que a processamento empático e a vivência emocional são cruciais para entender as ações individuais, assim como para compreender movimentos sociais que surgem como respostas a injustiças percebidas. No contexto dos dois movimentos analisados, essa perspectiva filosófica permitiu elucidar como as vivências de dor, opressão e injustiça se transformam em ações de resistência e transformação social.

Por outro lado, a filosofia de Espinosa (2009) aponta estruturas conceituais para entender as emoções não apenas como reações passivas, mas como potências que moldam a ação humana e a formação da identidade. Espinosa (2009) assoma que as emoções são expressões do *conatus*, ou seja, a força vital que impulsiona o ser humano a perseverar em seu ser. Essa visão foi medular para compreender como as emoções de raiva, indignação e esperança impulsionaram os

participantes dos movimentos “BlackLivesMatter” e “#MeToo” a agir em busca de justiça e transformações.

Os impactos dos engajamentos “BlackLivesMatter” e “#MeToo” foram profundos e multifacetados. No caso específico do “BlackLivesMatter”, além das mudanças legislativas e políticas significativas, como a acusação dos policiais envolvidos na morte de George Floyd e a revisão dos padrões de uso da força policial, houve igualmente reavaliações culturais e sociais em torno do racismo e da violência policial. No mais, além de mobilizarem a opinião pública, as manifestações e os discursos emocionais dos líderes comunitários e ativistas resultaram em ações concretas, como a remoção de monumentos racistas e a implementação de políticas corporativas contra o racismo.

De maneira similar, o movimento “#MeToo” teve um impacto global, dado que insuflou a visibilidade e a conscientização sobre o assédio sexual e a violência de gênero. A coragem das vítimas ao compartilhar suas experiências nas redes sociais, inflada por figuras públicas e investigações jornalísticas, levou a mudanças significativas nas políticas de proteção no local de trabalho e na legislação sobre assédio sexual. Em acréscimo, o movimento desafiou normas sociais e culturais, ao promover um diálogo mais amplo sobre consentimento, igualdade de gênero, e poder nas relações, particularmente de trabalho, como no caso do ex-produtor de filmes, o norte-americano Harvey Weinstein, nomeadamente, *persona non grata* no universo das artes.

Os exemplos apresentados ao longo deste artigo demonstram como a linguagem, por meio dos *slogans*, *hashtags*, discursos e reportagens, foi imperativa para moldar e fomentar esses movimentos sociais. Afora o engajamento dos sujeitos nesses movimentos, as emoções e os afetos, que permeiam essas expressões linguísticas, de maneira paritária, mobilizaram a opinião pública e promoveram mudanças sociais relevantes.

Portanto, ao integrar perspectivas da Linguística Aplicada pragmática (Pennycook, 2001, 2006), das filosofias de Dilthey (1978, 2002) e de Espinosa (2009), este artigo ilumina a compreensão mais abrangente da linguagem e das emoções na constituição dos sujeitos e nas mobilizações sociais. Os movimentos analisados demonstram que ponderar as dimensões afetivas e emocionais é imperioso para entender e promover transformações sociais significativas na contemporaneidade. A centralidade das emoções na linguagem e na ação social revela novas formas de investigar a natureza humana e os processos de constituição dos sujeitos, devido ao

fato de que oportuniza a expansão das construções epistêmicas no campo dos estudos da linguagem e das ciências humanas.

Em última análise, este estudo reafirma a necessidade de abordagens interdisciplinares que integrem a linguística, a filosofia e outros estudos socioculturais para compreender mais profusamente as complexidades e as idiosincrasias da experiência humana. Ao reconhecer as emoções e os afetos como elementos centrais na constituição dos sujeitos e na mobilização social, abre-se caminho, à primeira vista, para novas formas de investigar e promover a justiça, a igualdade e a transformação social.

Informações complementares:

a) Declaração de contribuição das autoras e dos autores:

Autor único e responsável por toda escrita do artigo.

b) Disponibilidade de dados de pesquisa e outros materiais:

As situações de linguagem estão disponíveis nos sites descritos em rodapés ao longo do artigo.

c) Declaração de conflito de interesse:

O autor declara não haver conflitos de interesse.

Avaliação por pares:

✓ **Avaliador 1:** Adolfo Tanzi Neto (aceitar)

O artigo apresenta uma abordagem teórica robusta e inovadora ao explorar a dimensão afetiva dos movimentos sociais “BlackLivesMatter” e “#MeToo”, articulando com profundidade contribuições da Linguística Aplicada, da filosofia dos afetos e das ciências humanas. O texto é bem estruturado, coerente e oferece uma análise crítica pertinente sobre o papel das emoções na constituição dos sujeitos e nas práticas linguísticas contemporâneas. Trata-se de uma contribuição relevante e atual para os estudos interdisciplinares da linguagem, com potencial para enriquecer o debate acadêmico. Recomenda-se a publicação.

✓ **Avaliador 2:** Ulysses Diegues (aceitar)

Excelente fundamentação teórica e escrita.

Referências

DESCARTES, René. **Meditações**. Editora Martins Fontes, 1998.

DILTHEY, Wilhelm Christian Ludwig. **Introdução às Ciências Humanas**: tentativa de uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2002.

DILTHEY, Wilhelm Christian Ludwig. **El Mundo Histórico**. Tradução e prólogo: Eugenio Imaz. México: Fondo de Cultura Economica, 1978.

ESPINOSA, Baruch. **Ética**. São Paulo: Editora Autêntica, 2009.

PENNYCOOK, Alastair. **Language and mobility: unexpected places**. Bristol: Multilingual Matters, 2006.

PENNYCOOK, Alastair. **Critical Applied Linguistics: a critical introduction**. New York: Routledge, 2001.

SAWAIA, Bader Burihan. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 1998.

SMITH, Caitlin M. **Emotions in discourse analysis: theoretical and methodological perspectives**. London: Routledge, 2018.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.